

A NARRATIVIDADE COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA

NARRATIVENESS AS A TRAINING PROCESS: EXPERIENCES OF A TEACHER

Ana Lúcia de Arruda Ramos Rezende¹

José Eduardo de Oliveira Evangelista Lanuti²

RESUMO: Nosso objetivo com este texto é apresentar, de modo narrativo, as experiências de uma professora da Educação Infantil, escritora de livros e também pesquisadora, que encontrou na escrita a possibilidade de refletir sobre suas concepções e práticas docentes. A Pesquisa Narrativa que desenvolveu em um Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado), mobilizada por signos que provocam a construção de novas experiências, possibilitou a compreensão de que, pela narratividade, é possível refletir sobre o próprio trabalho e reconfigurar o ato educativo levando-o ao caminho da inclusão escolar. A necessidade de valorização da narratividade nos espaços de formação docente em serviço é um dos achados da pesquisa que apresentamos neste ensaio, justificado pelas experiências aqui trazidas.

PALAVRAS-CHAVE: Narratividade. Trabalho Docente. Pesquisa Narrativa. Escrita.

ABSTRACT: Our goal with this text is to present, in a narrative way, the experiences of a teacher of Early Childhood Education, book writer as well as a researcher, who found in writing the possibility of reflecting on her conceptions and teaching practices. The Narrative Research that she has been developed in a Graduate Program in Education (Master's Degree), mustered by signs that provoke the construction of new experiences, has made it possible to understand that, through narrativity, it is possible to reflect on one's own work and reconfigure the educational act leading it to the path of school inclusion. The need to value narrativity in active spaces of teacher training is the wonder of this essay, justified by the experiences brought here.


KEYWORDS: Narrativity. Teaching work. Narrative Research. Writing.

Introdução


A atividade da escrita sempre esteve presente no desenvolvimento do ser humano, quando inicialmente, na Pré-História, os povos antigos utilizavam a escrita para registrar suas histórias nas cavernas. Essa atividade está presente no dia a dia de todos nós, pois vivemos em um mundo letrado e é por meio da escrita que somos registrados em um documento e reconhecidos a partir de um nome em uma sociedade.

Segundo Magda Soares (1995), o alfabetismo não é apenas uma condição pessoal. Para ela, mais do que isso, é uma prática social. A autora explica que o alfabetismo está

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: analuciaata@hotmail.com

 <https://orcid.org/0009-0000-5400-2069>

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: eduardo.lanuti@ufms.br

 <https://orcid.org/0000-0001-6055-1494>

● [Informações completas no final do texto](#)

relacionado às habilidades e conhecimentos sobre leitura e escrita e, em determinado contexto, são considerados os valores e as práticas sociais. Percebemos essas práticas sociais em incontáveis situações do cotidiano: ao narrarmos ao médico o que sentimos quando temos alguma dor e ele nos medica prescrevendo em uma receita os remédios que teremos de tomar, ao escrevermos um bilhete para levarmos à professora, dentre outras. A partir da linguagem falada e escrita, interagimos com outras pessoas por meio de um diálogo, uma receita de bolo, uma letra de música, uma poesia, uma narrativa de um livro, uma carta ou uma mensagem no *WhatsApp*.

As diversas formações de sociedades são grafocêntricas, ou seja, imersas em espaços socioculturais em que a escrita e a leitura exercem função central no desenvolvimento das mais diversas atividades antrópicas (SOARES, 2020). A exemplo, temos o processo de aprendizado das crianças que, antes mesmo de entrarem na escola, são apresentadas às letras e gradativamente vão se apropriando da escrita, incorporando-a em suas atividades diárias. Assim, começam a compreender “[...] que escrever é transformar a fala em marcas sobre diferentes suportes, e que ler é converter essas marcas em fala” (SOARES, 2020, p. 51).

Essa construção é verificada por exemplo, quando ao lermos histórias às crianças, em casa ou na escola, elas passam a perceber que a leitura é realizada de cima para baixo de cada página, da esquerda para a direita e que o texto é escrito nos livros por meio de um sistema alfabético. Muitas vezes, enquanto professora, fui³ surpreendida por alunos da Educação Infantil que me imitavam, com livros de literatura nas mãos, realizando a leitura de imagens antes mesmo de estarem alfabetizados.

Magda Soares (2020) afirma que a criança vai construindo o conceito de escrita por meio de experiências com a língua escrita em seu ambiente familiar e social, mas que a escola vem consolidar esta aprendizagem. A interação é o percurso da criança para o desenvolvimento de seus processos cognitivos e linguísticos e que, de forma sistemática e proposital, no contexto escolar, “[...] a criança vai progressivamente compreendendo a escrita alfabética como um sistema de sons da língua (os fonemas) por letras - apropria-se, então, do princípio alfabético” (SOARES, 2020, p. 51).

³As experiências narradas neste texto se referem à primeira autora, orientada em sua pesquisa de Mestrado pelo segundo autor.

A aprendizagem da leitura e da escrita é um acontecimento na vida de qualquer ser humano. É o ingresso ao mundo letrado ao qual pertencemos mesmo antes do nascimento. Ao nascer a criança já recebe um nome e um registro que corresponde a sua entrada na sociedade. O domínio da língua escrita possibilita que a criança se comunique por meio de um convite, um bilhete ou uma carta e acaba ocupando um papel social e político. Desde pequenos, ouvimos histórias narradas pelos professores e familiares. Narramos fatos e acontecimentos, contextualizando as palavras sem deixá-las soltas.

Segundo Soares (2020, p. 252), “o domínio do sistema de escrita alfabética abre novas possibilidades de interação para a criança: recepção de mensagens ao ler, produção de mensagens ao escrever, para, assim, ampliar a inserção dela no contexto social e cultural”. E foi assim que, quando criança, também fui inserida no mundo da escrita, como o livro infantil *O Menino que aprendeu a ver*, de Ruth Rocha (1998). Ao descobrir o mundo letrado me identifiquei com o personagem Joãozinho, como uma criança que aos poucos, interagindo com familiares, colegas e professores, vai se apropriando do conceito de escrita; abrindo a janela, começa a enxergar o mundo mais cheio de cores, compreendendo melhor o seu contexto, o meio em que vive.

De uma infância rodeada por livros, passei a copiar meus pais, realizando primeiro a pseudoleitura, inicialmente lendo livros para minhas bonecas. Meu encantamento pela escrita foi tão grande que me fez professora. Com a importância dada à leitura e escrita herdada de meus pais educadores, passei a dividir esta função, arrebanhando alunos e alfabetizando-os, encaminhando-os para uma sociedade letrada.

Lecionando, comecei a narrar/escrever histórias que relatavam minhas experiências subjetivas como pessoa e como profissional. Foi, justamente, escrevendo sobre minhas experiências docentes e analisando-as, refletindo sobre a escola e a sociedade, que me dei conta da importância da escrita. Ao escrever minhas memórias, fui atualizando minhas experiências, revivendo algumas escolhidas por mim, a partir do que me mobilizava no presente, naquele momento de escrita. Aos poucos, minhas narrativas se tornaram livros de Literatura Infantil e, agora, por meio da Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015) que desenvolvi no Mestrado em Educação⁴, posso me perceber como uma pesquisadora que utiliza a narratividade para compreender a realidade em que está inserida.

⁴ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), CAAE nº 51710921.8.0000.0021

Para Lanuti (2019), a Pesquisa Narrativa é um modo de investigar as experiências vividas a partir de um objetivo que se tem no presente, buscando compreender um problema e responder perguntas decorrentes desse problema a partir da subjetividade. Nesse movimento, trazido pelo autor, os fatos concretos e a materialidade da experiência não são desconsiderados, mas, para além disso, os sentidos que o indivíduo atribui para o vivido é o que mais importa.

Ao iniciar a escrita de minha dissertação de Mestrado, pude perceber o quanto a narratividade, de fato, fez-me atribuir sentidos para minhas experiências. Voltei ao tempo e me reencontrei com a criança que fui, com a professora que me transformei, com a escritora que sou e com a pesquisadora que, desde então, venho me constituindo. Nesse percurso, compreendi que é no movimento da escrita que reflito sobre os problemas educacionais que percebo em minha prática. Escrevendo, tenho a oportunidade de compartilhar as narrativas que crio ao trazer à tona minhas memórias

Todas essas experiências que vivi (e vivo) me fazem valorizar a escrita como uma verdadeira arte que me possibilita refletir sobre meu trabalho, repensar minhas concepções pedagógicas, transformar minhas práticas docentes e, em decorrência, me transformar. Ao definirem a Pesquisa Narrativa como aquela que estuda a experiência vivida, Clandinin e Connelly (1994, 27) afirmam que:

Tendo a narrativa como nossa posição estratégica, temos um ponto de referência, a vida e um chão, uma base de suporte ou para imaginarmos o que a experiência é e para imaginar como ela pode ser estudada e representada em textos de pesquisa. Nessa perspectiva, experiências são as histórias que as pessoas vivem. As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém-pesquisadores em suas comunidades.

Nesse sentido, a escrita é um recurso pelo qual organizo e torno comunicáveis as minhas construções subjetivas, carregadas de sentidos. É pela escrita que também avalio e posso reconstruir minha prática como educadora e, a meu ver, esse é um de seus papéis: a formação de um professor/pesquisador. Escrever não é apenas enfileirar palavras, é refletir sobre a vida, é dar sentido às nossas experiências, é narrar a própria vida.

Nosso objetivo com este texto é apresentar, de modo narrativo, as experiências de uma professora da Educação Infantil, escritora de livros e também pesquisadora, que encontrou na escrita a possibilidade de refletir sobre suas concepções e práticas docentes.

Porque escrevo: da docência à escrita de livros infantis

Aprendi que pela escrita posso me comunicar comigo mesma ou com outras pessoas, externar e eternizar histórias, exprimir sentimentos, relatar experiências e refletir sobre elas ao retomá-las. As funções da escrita e seus modos de uso são os mais variados possíveis... por ela podemos, inclusive, produzir experiências ao narrarmos o que acontece a partir do que nos toca e transforma em certa ocasião, em um dado momento. Escrever é criar caminhos para o novo.

Conforme nos lembra Lanuti (2019, p.15):

Precisamos perceber o que nos fere e nos mobiliza, pensar sobre as nossas ações, intencionalidades, sobre aonde queremos chegar, ou melhor, sobre como tem sido o nosso percurso, independentemente de qual tenha sido o ponto de partida. Nesse cenário incerto, em que as rotas já traçadas demonstram sinais de esgotamento, precisamos reinventar outros caminhos, abrir novas possibilidades que estejam coerentes com questões consentâneas ao presente para que a diferença flua.

A necessidade de criar o novo sempre esteve presente em minha prática docente. Ao preparar minhas aulas, elenco meus objetivos, relato o que alcancei e ao retomar meus escritos nos finais de semana continuo minha rota, retomo ou traço novos objetivos, outros rumos. Fui compreendendo que, na docência, poderia ter a atividade da escrita como uma aliada, um recurso para investigar meu próprio trabalho, uma atividade de pesquisa que me permite um pensar e repensar o ato educativo.

Grando, Nacarato e Lopes (2014), afirmam que as narrativas são de extrema importância para a formação dos docentes, pois a partir do momento que eles relatam as suas experiências, eles oportunizam a si e aos outros a (re) elaboração de suas práticas. O compartilhamento das práticas entre os docentes propicia a autoavaliação de suas atividades e a identificação com práticas similares ou não. Esta reflexão permite que os professores deem um novo sentido a suas práxis profissionais, numa criação de qualidade.

Nesse sentido, penso que a formação continuada de professores poderia valorizar mais a escrita, as narrativas sobre as aulas e as experiências que nelas acontecem, assim como a troca e reflexões dessas narrativas entre o corpo docente. Se precisamos valorizar o que os alunos trazem de conhecimento prévio, há a necessidade de se expandir esta importância ao conhecimento e experiência de cada professor.

Tenho percebido que o desconhecimento das demandas específicas de cada unidade escolar, por parte da gestão, faz com que a gestão ofereça formações docentes

em serviço que nem sempre atendem às necessidades mais imediatas dos docentes e alunos. A escrita, como uma arte de pensar sobre a vida para construir novas experiências pode ser uma grande aliada das equipes escolares nesse sentido.

Lanuti (2019), ao narrar em sua tese de Doutorado as experiências que construiu como formador de professores, conta-nos como a escrita favoreceu a identificação dos problemas pedagógicos vivenciados com o grupo de professores com os quais trabalhou. Segundo o autor, mais do que a Tematização da Prática, isto é, a filmagem e análise das aulas, ao escreverem narrativas sobre o seu fazer pedagógico, os professores repensavam as estratégias que desenvolviam, reinterpretavam as produções dos alunos, ressignificavam os resultados das avaliações. Penso que se houvesse nas escolas a valorização das produções escritas dos professores e momentos de troca das experiências produzidas nesse exercício, todos poderiam melhorar suas práticas, repensando inclusive suas concepções. Infelizmente não existe este momento de partilha entre os professores, a não ser nos corredores da escola, em momentos informais que não têm como objetivo a formação docente.

Voltando às minhas experiências, paralelamente à docência apreciava as narrativas das músicas, as narrativas das obras de arte, da Literatura que diariamente lia para meus alunos. Mais do que decodificar as palavras, fui compreendendo que a escrita e a narratividade presente nelas, são meios pelos quais nos constituímos, pessoal e profissionalmente.

Para Lanuti (2019), a narratividade se constitui em uma organização de fatos e sentidos, sem necessariamente obedecer a uma ordem cronológica, mas sim ao nosso interesse, aos signos que nos atingem. O ato de narrar relaciona-se ao processo de criação de sentidos que atribuímos às nossas experiências.

Enquanto professora, sinto-me tocada pelas narrativas de vida (orais e escritas) que chegam até mim, por meio dos meus alunos e, a partir delas, transformo minhas próprias experiências de vida, pessoal e profissional. Como exemplo, lembro-me do encontro que tive com um casal, pais de uma criança considerada com autismo. Eles me relataram que já tinham percorrido algumas escolas particulares à procura de uma matrícula para o filho e que a direção de todas se dizia não estar preparada para recebê-lo. Tais narrativas resultaram, ao longo da minha vida, em obras de Literatura Infantil. Nessas obras, retratei minha infância, as pessoas e momentos que foram importantes para minha formação como

pessoa e profissional, além de experiências que tive no início da inclusão de crianças consideradas com deficiência na rede regular de ensino.

A narrativa contextualiza as palavras, os momentos e serve como um encontro nosso com o que há de mais profundo e ainda nos possibilita refletir, formar, formar o outro e nos transformar. As narrativas possibilitam que nos identifiquemos com histórias semelhantes ou diferentes, em alguns momentos, com as nossas, mas que também nos afetam.

Ao cursar o Mestrado em Educação, meus escritos tomaram novos contornos, pois, como pesquisadora, busquei identificar nas narrativas dos docentes participantes de meu estudo os principais signos que os afetavam para traduzir em suas práticas a concepção que eles tinham sobre a inclusão escolar. Isto porque ao cursar a disciplina *Seminário de Dissertação*, aprendi sobre diferentes maneiras de realizar pesquisas e me identifiquei e optei pela Pesquisa Narrativa ao compreender com base em Clandinin e Connelly (2015) que ela considera a subjetividade humana. Como pretendi compreender as concepções e práticas docentes sobre inclusão escolar e por querer conhecer as experiências vividas pelos professores, ressignificadas por suas narrativas, não tive dúvidas de que a Pesquisa Narrativa era a que melhor representava meu percurso investigativo. A partir desta escolha, realizei entrevistas que me possibilitaram colher narrativas de colegas e que me permitiram interpretar e criar outras narrativas para tratar das minhas próprias experiências nesse processo,

A escrita e a Pesquisa com Narrativa

Ao longo de minha formação acadêmica tive a oportunidade de utilizar a escrita para alfabetizar meus alunos e depois encantá-los pela arte da Literatura, mas foi ao escrever minha dissertação de Mestrado, iniciada por um memorial, que como Magda Soares (2001), em seu livro *Metamemória*, tive o privilégio de ampliar minha autoformação.

Não por modismo - o gênero memórias está muito em voga na literatura contemporânea, mas porque parecia-me, e parece-me, que fazer uma tese cujo objetivo é a própria vida acadêmica (pois é isto o memorial) obriga o professor universitário a ultrapassar o que fez, em sua vida acadêmica, para determinar por que fez, para que fez e como fez; ou seja; além da enumeração, que está em seu *curriculum vitae*, a análise, a crítica, a justificativa. E mais: o memorial só é possível a quem tem um passado acadêmico para contar, e só a esses deveria ser oferecido o acesso ao último degrau da carreira docente universitária (SOARES, 2001, p. 25).

Ao escrever, dei-me conta de que tenho “um passado para contar”, roubando as palavras de Magda Soares e, mais que isso, que o meu contar pode ajudar outras pessoas a desvelar problemas que vivenciam em seus cotidianos escolares.

A importância que sempre dei à escrita fez com que eu tivesse a certeza de que o melhor procedimento para coletar e produzir dados seria por meio das narrativas, minhas e de minhas colegas de profissão. Por isso, entrevistei-as e construí narrativamente um estudo que buscou compreender, a partir da narratividade de professores da sala comum e do AEE, quais concepções sobre inclusão escolar orientavam a organização e o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas.

Revisitando as narrativas das professoras que aceitaram participar de meu estudo e retomando minhas memórias, identifiquei diversas situações que me incomodavam e que precisavam ser problematizadas. Percebi, por exemplo, que nós professores temos concepções e práticas díspares, contraditórias a respeito da inclusão – o que é um problema.

Ao escrever, sinto-me incomodada ao perceber certos movimentos, pensamentos e estratégias excludentes que já desenvolvi em meu trabalho. Ao escrever e pesquisar a minha própria vida profissional, por exemplo, me dei conta de que por muito tempo acreditei que inclusão escolar era restrita às pessoas consideradas com deficiência.

Se por um lado a escrita me aflige, por outro me tranquiliza, pois compreendo que tudo o que vivi e que me ensinou algo são verdadeiras experiências, como bem retratou Bondía (2002, p.21), ao escrever que “[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

No Mestrado, tive a oportunidade de retomar ideias, embasá-las teoricamente e, com isso, a transgredir paradigmas, refletir sobre práticas passadas e reconfigurá-las com o propósito de alcançar um melhor resultado com meu trabalho docente – um processo autoformativo, regulado por mim mesma.

A partir da escrita sobre minhas incertezas, dúvidas e problemas que vivencio na escola, tenho chegado à conclusão de que é impossível quantificar o que um aluno aprendeu e isso traz a necessidade de repensarmos nossas certezas quanto ao trabalho pedagógico que desenvolvemos. Hoje, ao escrever sobre minhas experiências, percebo que o mais assertivo é oferecer uma aula mais rica em estímulos para todos, pois todos

nós aprendemos de maneiras diferentes e ao enriquecer minhas aulas estarei ampliando as possibilidades de aprendizagem de cada um de meus alunos, afetando-os de maneiras diversificadas – uma aula aberta aos conhecimentos dos estudantes, a seus interesses, curiosidades e possibilidades em geral.

Ao analisar meus escritos, enquanto uma pesquisadora de minhas próprias práticas, percebo que determinados fatos e problemas, no momento em que ocorrem, nem sempre podem ser compreendidos, mas que a narrativa é uma forma de organizar os sentidos que atribuímos a eles e a escrita, por sua vez, uma forma de “colocá-los para fora”, num movimento reflexivo, em uma conversa comigo mesma. Constato, ainda, o quão importante é ter alguém para ouvir, acolher nossas narrativas e refletir conosco sobre elas – o que reafirma a necessidade de a formação docente em serviço valorizar a produção de narrativas como um meio pelo qual se reflete sobre o que se pensa e faz na sala de aula e para além dela.

Tenho entendido a sala de aula como um espaço propício para o encontro com a diferença do outro, ao qual Lanuti (2019) se refere. A socialização de ideias, a partilha das experiências, a construção de sentidos e a interpretação da própria vida tem sido possível, na minha vida pessoal e profissional, por meio da valorização da escrita e a escola é um espaço em que esse exercício poderia ser cada vez mais potencializado.

Ao pesquisar e escrever narrativas, percebo como sou motivada, em cada momento, por diferentes signos, que vão delineando a aprendizagem, como nos ensina Gilles Deleuze:

Aprender diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja "egiptólogo" de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos (DELEUZE, 2003. p.4).

Enquanto pesquisadora, venho compreendendo que o signo que me afeta hoje pode não ser o mesmo signo que me afetará amanhã, assim como o signo que me afeta certamente não é o mesmo que afeta os que estão ao meu redor. Os signos afetam as pessoas de acordo com o interesse de cada um, em cada momento.

Em uma aula, por exemplo, o professor afeta os alunos de maneiras diferentes: um pode ficar atento ao conteúdo desenvolvido, outro na cor de cabelo da professora, outro na música que a professora utilizou para iniciar a aula. Um sorriso, um silêncio, uma explicação... tudo pode ser um signo que afeta o outro e escrever sobre eles é essencialmente um processo de autoconhecimento, que se baseado em uma teoria que, de fato, promova nossa emancipação intelectual, como Rancière (2002) nos explica, pode ser considerado um processo de autoformação.

Ao revisitar minhas memórias na escrita do memorial pelo qual iniciei minha dissertação de Mestrado, pude perceber o quanto realmente somos movidos por signos e procurei identificar os que me conduziram naquele momento de escrita, de reflexão sobre a vida, a partir das exigências acadêmicas. Foi inevitável retomar as transformações que sofri como pessoa e profissional ao longo de minha caminhada.

A criança que fui, a professora, a escritora e a pesquisadora que sou têm se encontrado em uma narrativa única, permeada de novas experiências que produzo pela narratividade e expresso pela escrita, não na tentativa de explicar o que me passa, mas de expressar meus movimentos subjetivos pelos quais me constituo como ser humano. A pesquisa sobre as narrativas de professoras ampliou-se para a narrativa da própria pesquisadora, pois me enxerguei como parte constituinte do problema investigado. A escrita de narrativas, mais do que um dispositivo de produção de dados, vem se constituindo, para mim, como um caminho metodológico, indiscutivelmente rico para a produção de novas experiências.

Considerações Finais

Enquanto professora, escritora e pesquisadora, tenho utilizado a escrita como a arte de expressar o que nem sempre é fácil de ser dito, dividido com o outro. A escrita de narrativas como um caminho da pesquisa, me proporcionou encontros com minhas próprias memórias, um confronto com minhas próprias concepções e concepções dos outros (docentes entrevistados). Tenho refletido e reconfigurado minhas práticas a partir de uma nova construção de saberes sobre a inclusão escolar.

Venho constatando que a necessidade de escrever faz parte de minha vida desde a infância. Como professora, meu interesse por essa arte foi aumentando na proporção em que entrava em contato com as narrativas de vida de outras pessoas e familiares de meus

alunos. Como pesquisadora, estudei as narrativas de colegas professoras e, por meio delas, refleti sobre minhas próprias concepções e práticas, verificando o quanto também posso avançar naquilo que já sei, que já faço.

Nesta travessia, percebi a importância da Pesquisa Narrativa no processo de formação de professores e pesquisadores. Hoje entendo que não poderia ter encontrado um melhor caminho para a construção do meu próprio saber científico do que pesquisar e escrever minha dissertação a partir de minhas próprias lembranças, atualizadas, ressignificadas a partir da exigência de investigar um problema. Pela escrita, torno-me protagonista de minha própria história.

Compreendendo minha trajetória e apropriando-me cada vez mais de meu papel como docente/educadora, por meio da escrita de minha dissertação, pretendo afetar novos profissionais que possam se identificar com minhas narrativas e me acompanhar na construção de novos sentidos, significados e caminhos para a educação.

Percebo, cada vez mais, que a formação docente precisa valorizar as narrativas dos participantes para reflexão e compartilhamento de experiências, pois, infelizmente, uma das características da prática docente é o individualismo. Fazem-se necessários momentos em que possamos expressar nossas construções subjetivas e a escrita é, a nosso ver, uma das ferramentas mais potentes para compartilharmos o que sabemos e o que aprendermos com o outro.

Referências

- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores. ILEEL/UFU. 2a ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Tradução Antonio Piquet e Roberto Machado. 2a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GRANDO, R. C; NACARATO, A. M; LOPES, C. E. Narrativa de Aula de uma Professora sobre a Investigação Estatística. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 985-1002, out./dez. 2014. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 12 fev. 2023.
- LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr. nº 19, 2002.



LANUTI, J. E. de O. E. **O ensino de matemática – sentidos de uma experiência.** Tese (doutorado). Orientador (a)/; Maria Teresa Eglér Mantoan. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, São Paulo. 2019.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. (Trad. Lílian do Valle). Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROCHA. R. **O menino que aprendeu a ver.** 2a ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998. Coleção Hora dos Sonhos.

SOARES, M. B. **Alfalettrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

SOARES, M. B. Língua escrita, sociedade e cultura: Relações, dimensões e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação.** Set/Out/Nov/Dez. Nº 0. 1995.

SOARES, M. B. **Metamemória-memórias:** travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 2001.

NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA

Ana Lúcia de Arruda Ramos Rezende. Especialização em Psicopedagogia. Faculdades Integradas Toledo, Araçatuba/SP, Brasil.

E-mail: analuciaata@hotmail.com

 <https://orcid.org/0009-0000-5400-2069>

José Eduardo de Oliveira Evangelista Lanuti. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas (CPTL), Três Lagoas, MS, Brasil.

E-mail: eduardo.lanuti@ufms.br

 <https://orcid.org/0000-0001-6055-1494>

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Aprovação do comitê de ética, número de processo e data: CAAE: 51710921.8.0000.0021, de 23/12/2021.

LICENÇA DE USO

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista ENSIN@ UFMS – ISSN 2525-7056 o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY-NC-SA 4.0), que permite compartilhar e adaptar o trabalho, para fins não comerciais, reconhecendo a autoria do texto e publicação inicial neste periódico, desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual.



EDITORES

Patricia Helena Mirandola Garcia, Eugenia Brunilda Opazo Uribe, Gerson dos Santos Farias.

HISTÓRICO

Recebido em: 09/06/2023 - Aprovado em: 06/11/2023 – Publicado em: 31/12/2023.

COMO CITAR

REZENDE, A. L. A. R., M. G.; LANUTI, J. E. O. E. A Narratividade como Processo de Formação: Experiências de uma Professora. **Revista ENSIN@ UFMS**, Três Lagoas, v. 4, n. 8, p. 708-720. 2023.